

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP**

VERINE STOCHI VEIGA

**Elias Ashmole e suas contribuições para a divulgação da
ciência durante o século XVII.**

Mestrado em História da Ciência

**SÃO PAULO
2015**

VERINE STOCHI VEIGA

**Elias Ashmole e suas contribuições para a divulgação da
ciência durante o século XVII.**

Mestrado em História da Ciência

Dissertação apresentada à Banca
examinadora da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo, como exigência
parcial para obtenção do título de
MESTRE EM HISTÓRIA DA CIENCIA,
sob a orientação da **Profª Drª Ana Maria
Alfonso-Goldfarb**.

SÃO PAULO

2015

Banca Examinadora

Agradecimento a CAPES/CNPQ e também a FUNDASP (Fundação São Paulo)

Pesquisa financiada com bolsa integral, concedida pela agência de fomento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, entre os anos de 2013 e 2015, sob o nº do processo 136743/2013-7

Agradeço a FUNDASP (Fundação São Paulo) pelo consentimento da Bolsa Integral, no qual fui contemplada juntamente com a CAPES e o CNPQ.

Agradecimentos

A Deus,

Por ter me dado forças e determinação. Por ter posto em meu caminho pessoas especiais, que participaram desse trabalho e enriqueceram, cada um a seu modo, cada um a seu tempo.

À Professora Doutora Ana Maria Alfonso-Goldfarb, ou “Professora Ana”,

Pela sugestão do tema para pesquisa, que veio ao encontro de meus questionamentos sobre a divulgação científica no século XVII. Sua orientação procurava mostrar-me o melhor caminho em detrimento do caminho mais fácil.

A todos os professores do Programa de História da Ciência,

Por seus ensinamentos filosóficos, de teorias do Conhecimento em História da Ciência, que me foram úteis não só para esta pesquisa, como, de certa forma, deram ferramentas para que eu pudesse usar mais tarde em sala de aula.

Aos meus colegas de Mestrado,

Pelos momentos de estudo e discussão e, em especial, aos amigos: Diogo Lima Calazans, Rafael Donizete Bellettato, Ana Flavia Santos, Decio Hermes Cestari Junior, Camila Slobada, Odécio Souza, Ana Paula Pires Trindade, Edson Lima, Alex Costa, Raphael Uchôa, entre outros.

À Professora Doutora Carla Bromberg,

Pela paciência e pela orientação que me deu durante a Qualificação.

À Professora Doutora Laís dos Santos Pinto Trindade,

Pela paciência e pela orientação que me deu durante a Qualificação.

Ao Professor Doutor Daniel Couto Gatti,

Primeiramente, gostaria de agradecer por ter me apresentado o Programa de Pós-graduação em História da Ciência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E também pelo carinho que sempre dedicou a mim e a minha família.

À Marcia Stochi Veiga,

Pelo amor e também pelo carinho que sempre me dedicou desde o momento em que soube que teria mais um filho; por ter ido atrás dos seus sonhos profissionais, conciliando trabalho e família; por ter mostrado o quanto sou capaz de ir atrás dos meus sonhos; por ter me mostrado a beleza da matemática, por ter me mostrado o caminho da ciência.

Agradeço também por todos os abraços e palavras de consolo nos momentos em que mais precisei e por sempre mostrar-me o quanto a vida é bela.

Ao Meu Pai Denis Veiga Junior,

Pelo amor e também pelo carinho que sempre me dedicou desde o momento em que soube que teria mais um filho; por mostrar-me que para termos uma vida plena e cheia de realizações é preciso ter coragem; por mostrar-me que a felicidade está nas pequenas coisas, pelos momentos em que abria o Atlas e mostrava os mapas, bandeiras e também a geografia física de cada país.

Agradeço também por todos os abraços e palavras de consolo nos momentos em que mais precisei e por sempre mostrar-me o quanto a vida é bela.

Ao Meu Irmão Alex,

Pelo amor e também pelo carinho que sempre me dedicou desde que eu nasci, pelas brincadeiras de criança, pelo apoio em todos os momentos, por ter me mostrado o mundo da literatura e também pelas aulas particulares de química durante o Ensino Médio.

Aos Meus Avós,

À Minha Avó Irene pelo apoio em todos os momentos do mestrado, por ter me dado forças e pelos seus abraços nos momentos difíceis. Agradeço também ao meu Avô Argemiro que, mesmo não estando mas entre nós, sempre foi um avô presente e companheiro.

À Minha Avó Nena por todo carinho e amor que me dedicou durante todos estes anos e que sempre me ensinou uma importante lição: o Príncipe Encantado está sempre dentro de você e não dentro dos outros. Agradeço

também ao Meu Avô Diniz, mais conhecido pelos netos como Vô Dizy, pelo amor e carinho que sempre dedicou aos netos.

À Minha Avó Maria de Lourdes que, no início deste ano, veio a falecer, mas que desde o início do mestrado sonhava com o dia da defesa desta dissertação de mestrado, dedicando-me amor e carinho sem medida. Agradeço também ao meu Avô Aldo que, mesmo não estando mais entre nós, sempre foi um avô presente e companheiro.

A minha madrinha Nancy,

Pelo amor e também pelo carinho que sempre me dedicou desde o momento em que eu viria ao mundo; por ser essa companheira maravilhosa e que mesmo de longe cuida de mim; por ter mostrado o quanto sou capaz de ir atrás dos meus sonhos;

Agradeço também por todos os abraços e palavras de consolo nos momentos em que mais precisei e por sempre mostrar-me o quanto a vida é bela.

Aos meus amigos Barbara, Fernanda e Bruno.

À Barbara, pelos momentos em que discutíamos história da ciência e cinema, por sempre me apoiar durante o mestrado e, também, por entender que, as vezes, não podia sair no final de semana para fazer os trabalhos do mestrado.

À Fernanda, por estar do meu lado desde os tempos da Universidade, discutindo história e literatura. Agradeço também por todas as vezes em que ela lia meus trabalhos e colocava seu ponto de vista.

Ao Bruno, que sempre esteve ao meu lado desde os tempos da Universidade. E sempre falávamos que a nossa amizade iria da graduação ao Pós-Doc. Também agradeço por seu imenso carinho.

Resumo

No século XVII, os museus foram transformados em espaços que refletiam as novas ideias da ciência, especialmente as de Lord Bacon e sua “Casa de Salomão”. Dessa forma, não só coleções de raridades e antiguidades, mas bibliotecas, laboratório, jardins e salas de aula passaram a fazer parte desses novos espaços dedicados à arte, à técnica e à ciência. Um exemplo disso seria o Museu Ashmoleano, fundado em 1683, na Universidade de Oxford, a partir dos planos e coleções do antiquarista e membro da *Royal Society* de Londres, Elias Ashmole. Nesta dissertação, pretende-se demonstrar que os vínculos de Elias Ashmole com a ciência inglesa do período tiveram um papel fundamental para a constituição do Museu Ashmoleano.

Palavras Chave: Elias Ashmole; Museu Ashmoleano; Programa Baconiano; Ciência Seiscentista; História da Ciência.

Abstract

In the 17th century, museums became spaces that reflected the new scientific ideas, particularly the ones of Lord Bacon and his 'Solomon's House'. As a result, not only collections of curiosities and antiques, but also libraries, laboratories, gardens and classrooms became a part of such new spaces devoted to the arts, techniques and science. One illustrative example is the *Ashmolean Museum*, which was created in Oxford University in 1683 based on the plans and collections of Elias Ashmole, an antiquarian and Fellow of the *Royal Society*. The present study sought to demonstrate that the connection of Ashmole to the contemporary English science played a major role in the creation of the *Ashmolean Museum*.

Keywords: Elias Ashmole; Ashmolean Museum; Baconian Program; Seventeenth Century Science; History of Science.

“O Tempo, que tem sido sempre o Pai de novas Verdades, tem nos revelado muitas coisas de que eram ignorantes ou pouco sabiam nossos Ancestrais, e irá manifestar a nossa Posteridade aquilo que agora desejamos, mas não sabemos”
John Wilkins, *Discovery of a New World*, em *The Mathematical and Philophisocal Works of John Wilkins*, 114.

Sumário

Introdução	12
Capítulo I	15
Elias Ashmole: um percurso frutífero e controverso.	15
1.1. Imagens de Ashmole na historiografia	16
1.2.Elias Ashmole: suas origens e trajetória no contexto Guerra Civil Inglesa.	19
1.3.Contatos e relações com os intelectuais de Oxford	22
1.4.Ashmole e o <i>Oxford Philosophical Club</i>	23
1.5.Os estudos de Elias Ashmole em relação à alquimia e à astrologia.	25
1.6.Ashmole: da aquisição de textos e do trabalho com edição	28
1.7.Elias Ashmole: um antiquário	30
1.8.O contexto dos Tradescant	33
1.9. Ashmole e as ideias Baconianas	35
Capítulo II	37
Museu Ashmolean: a ciência seiscentista num gabinete de curiosidades.....	37
2.1.O Museu seiscentista e sua etimologia	38
2.2.Contexto Geral: o sentido da história natural baconiana e a relação com o <i>Musaeum</i>	42
2.3.A Coleção dos Tradescant	45
2.4.O Gabinete ou Museu de Ashmole	48
2.5.A fundação do Museu Ashmolean em Oxford	48
2.6.Considerações Finais	58
Conclusão	60
Bibliografia	63

Introdução

Ao longo do século XVII, um dos espaços onde a ciência nascente se deixaria ver foi o dos então chamados museus. Distintos, de muitas maneiras, ao que hoje se considera um museu, alguns destes buscaram seguir a concepção deixada por Lord Bacon sobre como deveria ser um espaço dedicado às várias formas do saber sobre a natureza, ou seja, ao que denominou 'Casa de Salomão'. Um dos melhores exemplos seria o do museu criado por Elias Ashmole (1617–1692), cujo processo de formação e de contiguidade com a ciência seiscentista constitui-se como foco da presente dissertação. Para tanto, no primeiro capítulo, analisaremos alguns dos aspectos centrais à biografia de Ashmole, pois, além de fundador do museu que leva seu nome, foi um importante personagem da ciência inglesa do seiscentos.

A vida de Ashmole coincide e é forjada por uma série de elementos basilares da história britânica, dentre os quais as várias fases da Guerra Civil Inglesa (1642-1651) e a fundação da *Royal Society* de Londres, em 1660. Veremos, nos capítulos que seguem, de que maneira ambos os eventos propiciaram o contexto sociopolítico e intelectual peculiar para a fundação do museu.

Um desdobramento direto da eminente Guerra Civil, delineada no horizonte britânico, foi a deslocamento de Ashmole para a região de Oxford, em 1641, onde pôde estudar temas como filosofia natural, matemática, astrologia e história inglesa, além de investir na defesa da monarquia. A relação de Ashmole com Oxford garantiu-lhe a participação em uma seleta rede de contatos na universidade. Algo de fundamental importância para a composição do museu que, na década de 1680, seria doado por ele à universidade, recebendo um edifício próprio, além de outras coleções.

Do ponto de vista do circuito pessoal de Ashmole, tanto Londres (onde teve boa parte de sua formação e vida profissional) quanto Oxford foram centrais para o processo constitutivo de suas tendências e opções intelectuais. Em Oxford, ele esteve ligado a importantes homens de ciência, dentre os quais estava John Wilkins (1614 – 1672), Robert Boyle (1627 – 1691), Thomas Willis

(1621 – 1675), Jonathan Goddard (1617–1675), John Wallis (1616–1703) e Seth Ward (1617–1689). Estes estudiosos constituíram um grupo ou ‘Club’ que, mais adiante, viria a se tornar a *Oxford Philosophical Society*, cuja influência se faria notar, de maneira expressiva, sob Ashmole.

Em Londres, Ashmole envolveu-se com uma rede de estudiosos de astrologia, dentre os quais, um dos mais proeminentes de sua época era William Lily (1602-1681). Além disso, teve um importante contato com o antiquário e filósofo natural William Backhouse (1593–1662), de quem Ashmole tornou-se, mais do que um pupilo, uma espécie de filho espiritual. Foi também no contexto da Londres de meados do século XVII que Ashmole se aproximou da família Tradescant, cuja coleção de raridades (a denominada *Tradescant Ark*) foi catalogada pelo próprio Ashmole sob o título *Musaeum Tradescantianum: Or, A Collection of Rarities Preserved at South – Lambeth near London*, e, posteriormente, depositada no Museu Ashmolean, em Oxford.

O significado de coleções como a dos Tradescant (e, futuramente, do próprio Museu Ashmolean) para a ciência do período será discutido no segundo capítulo. Conforme indicado anteriormente, mais do que uma estrutura física para depositar coleções de raridades, os museus ou gabinetes de curiosidades seiscentistas incorporavam ideias baconianas sobre a história natural.

Veremos, assim, que a motivação para organizar tais museus fundamentava-se em uma nova forma de inquirição filosófica. Nesse sentido, o ato de coletar deixaria de ser, simplesmente, uma forma de amealhar tesouros e raridades que, reservados a poucos, eram mantidos longe dos olhos da maioria. Diferente disso, um colecionador, como foi Ashmole, ao formar parte da nascente cultura científica, considerava que seu museu deveria integrar as coleções a um sistema maior de averiguações sobre a natureza. Um sistema em que não poderia faltar o laboratório, a sala de aula e demonstrações práticas, nem a biblioteca, e onde as coleções serviriam como um microcosmo do mundo natural e da engenhosidade humana.

Em suma, como será indicado no presente estudo, o Museu Ashmolean pretendia ser a concretização de alguns dos sonhos mais ambiciosos de Lord Bacon, projetados em sua bem conhecida obra utópica *The New Atlantis*.

Capítulo I

Elias Ashmole: um percurso frutífero e controverso.

1.1. Imagens de Ashmole na historiografia

Elias Ashmole (1617–1692) foi um personagem tão importante, quanto curioso, da ciência inglesa no século XVII. O polímata inglês combinava, simultaneamente, ideias que aos olhos modernos poderiam soar, no mínimo, estranhas: posições políticas conservadoras com interesses na nova ciência, sem deixar de lado astrologia, alquimia e magia, para citar alguns campos. Todavia, a conexão entre tais interesses constitui um dos pontos basilares para o entendimento da ciência do século XVII¹.

Desde uma perspectiva historiográfica – ou seja, do ponto de vista daqueles que historicizaram Ashmole e a ciência do seu período – esta visão, dita mais integrada, constitui-se numa interpretação relativamente recente. A norma, em termos de análise historiográfica, foi, durante muito tempo, a interpretação de Ashmole como uma figura de tendências "bizarras"².

Assim, é possível encontrar perspectivas bem diferentes, e até contraditórias, no que diz respeito à biografia de Ashmole. Por um lado, estariam os estudiosos que passaram a compor a vida de Ashmole em um quadro menos fragmentado, em relação ao seu contexto. Nesse novo quadro, as suas tendências intelectuais, valores, crenças religiosas e filiações políticas serão interpretadas à luz da ciência inglesa do seiscentos. Enquanto, por outro lado, aqueles estudiosos mais tradicionais pintaram esse quadro através de uma narrativa puramente elogiosa e memorialista dos feitos de Ashmole, como se fossem dados absolutos e fora de seu próprio contexto histórico³.

Portanto, diferindo dessa perspectiva tradicional, uma série de estudos recentes tem apontado para a importância de entender o complexo contexto em que Ashmole estava inserido. Um dos resultados é que a própria visão em relação à Ashmole tem mudado nas últimas décadas. Vaughan Hart, por exemplo, ao tratar do tema da arte e da magia na corte dos Stuarts,

¹ Cf. Debus, introdução ao *Theatrum chemicum britannicum*.

² Foi usado aqui o sentido irônico da palavra, conforme sugerido por P. Rattansi em seus estudos sobre alquimia e magia em I. Newton. Cf. McGurie & Rattansi, "Newton and Pipes of Pan". *Notes and Records of the Royal Society* 27, nº 2 (1966): 108-143.

³ Para um clássico exemplar desta abordagem, ver Josten, "Elias Ashmole (1617-1692)". É preciso, porém, sublinhar o valor informativo de seu levantamento biográfico.

considera que a concepção alquímica da natureza, assumida por figuras como Ashmole, não era incompatível com ideias cristãs sustentadas no seio da igreja anglicana do período. Além disso, segundo a análise desses estudiosos, não era incomum a discussão de tais ideias, juntamente com todo um conjunto de conceitos oriundos da filosofia hermético-cabalista, em circuitos de cortes por grande parte da Europa⁴.

A referida perspectiva reverbera um ponto de inflexão historiográfico que remete aos trabalhos de especialistas da história da ciência, já presentes e muito discutidos, entre as décadas de 1950 e 1960. Basta lembrar, por exemplo, de alguém como W. Pagel que, desde então, passou a integrar a alquimia, a hermética, a magia – e outros dos estudos, antes considerados "lixos"⁵ da história – entre os elementos constitutivos da e centrais à nova ciência seiscentista⁶.

A partir dessa chave interpretativa, outros elementos biográficos, antes considerados irracionais ou bizarros, foram integrados à (e, às vezes, até sublinhados na) história de vida daqueles que tomaram parte na formação da nova ciência. De igual maneira, muitos daqueles que pareciam meros figurantes nesse cenário, passaram a ser vistos como agentes ativos no nascimento da ciência moderna. A relação de Ashmole com a *Royal Society* de Londres, por exemplo, foi vista por muito tempo, através das lentes de um de seus biógrafos tradicionais, C. H. Josten. E, segundo esse autor, Ashmole seria apenas mais um dos muitos ilustrados: “colocado[s] na lista dos ‘willing and fit’ para tomar parte na fundação do *College for the promoting of Physico-Mathematical Experimentall Learning*”⁷, ou seja, daquela que se tornaria a *Royal Society* de Londres.

No entanto, a partir de um novo enfoque historiográfico, a participação de Ashmole na *Royal Society* passaria a ser considerada muito além daquela desempenhada por um mero ilustrado. Nesse sentido, Charles Webster aponta, já em 1962, para o importante significado que a *Royal Society* teve no contexto século XVII, a saber, a representação da “Casa de Salomão”,

⁴ Cf. Hart, *Art and Magic*.

⁵ Foi retomado aqui o termo provocativo de W. Pagel, ao se referir aos estudos desprezados pela história. Cf. Pagel, "The Vindication of Rubbish" 42-51.

⁶ Para uma análise historiográfica detalhada, ver Alfonso-Goldfarb et al. "A Historiografia Contemporânea e as Ciências da Matéria".

⁷ Josten, 2.

instituição dedicada à nova filosofia experimental, como esquematizada por Francis Bacon em sua *New Atlantis*⁸. Expandindo esta interpretação, Arthur Macgregor associa a fundação do museu Ashmolean, em 1683, a uma tentativa final de concretizar a “Casa de Salomão”. Traçando o paralelo de maneira mais específica, Macgregor define as intenções de Bacon como um ambicioso projeto: o “Colledge, instituted for the interpretation of Nature, and the producing of Great and Marvellous Works, for the Benefit of men”, dentro do qual se enquadraria a referida casa. Ali, deveria haver laboratórios para cada tipo de investigação, bem como pomares, jardins, parques e lagos onde experimentos em todos os campos da natureza poderiam ser levados a cabo⁹.

Nesse sentido, depreende-se que a conexão dos princípios baconianos da filosofia experimental com o contexto de formação da *Royal Society* vem sendo tomado como uma possível circunscrição contextual e conceitual. Será dentro de tal circunscrição que pretendemos reinterpretar a relação de Ashmole com a formação do Museu, na segunda metade do seiscentos. Trataremos mais das especificidades da formação do museu de Ashmole, dentro dos marcos conceituais da época, no segundo capítulo.

Por ora, é importante frisar que o significado da relação de Ashmole com o poder monárquico também constitui um ponto de inflexão no tipo de história construída por autores mais tradicionais, como C. H. Josten, e aquela levada a cabo a partir dos trabalhos de P. Rattansi e A. Debus. Em relação à primeira, é perceptível o tom memorialista, às vezes nacionalista, para não dizer saudosista, com que Josten constrói a biografia de Ashmole. Nessa obra, alguns elogios, já na introdução, nos permitem considerar o tom de sua escrita biográfica: “Grande homem em seu próprio tempo”, “homem de ambição” que “conheceu honra, reputação e estima como a dos grandes homens”¹⁰.

O fio condutor mais básico da biografia incorpora a narrativa dos lugares de poder ocupados por Ashmole ao longo de sua carreira. No limite, os vários volumes escritos por Josten constituem uma expansão factual e acrítica do diário de Elias Ashmole publicado em 1717¹¹.

⁸ Webster, C. “The College of Physicians”, 5.

⁹ Macgregor, “Museums in the Quest for 'Salomon's House'”, 207.

¹⁰ Josten, 2-3.

¹¹ Daves. “The Live Eminent Antiquaries”. O diário foi reimpresso em 1774 e 1927.

Por outro lado, a segunda perspectiva historiográfica mencionada busca conexões do trabalho de Ashmole com a astrologia, o antiquarismo, a magia e o valor, em termos de ciência, para a realeza britânica – sobretudo no contexto de constituição do Museu, na década de 1680. Baseados nessa abordagem, alguns autores chamam a atenção para valor e significado, na ciência da época, dos denominados gabinetes de curiosidades. Incluídos aí, estariam outras atividades que também formaram parte da biografia de Ashmole, como os trabalhos de heráldica e outras facetas do antiquarismo, além da prática astrológica, junto a membros da alta nobreza, ou mesmo da realeza¹².

1.2.Elias Ashmole: suas origens e trajetória no contexto Guerra Civil Inglesa

Ashmole teve sua primeira educação formal em Londres. Nasceu em Lichfield, distrito de Staffordshire, a noroeste de Londres. Perdeu o pai ainda na infância e, graças a um parente distante com posição econômica elevada, pode, aos 16 anos, realizar a primeira parte de sua educação no curso de direito, em Londres¹³. Mais tarde, conforme mencionado anteriormente, ele viria a realizar outros estudos na universidade de Oxford¹⁴.

Conforme também já mencionado, a vida de Ashmole coincide e é forjada por uma série de elementos basilares da história britânica, dentre os quais a Guerra Civil Inglesa (1642-1651). Como se sabe, esse foi um dos eventos mais dramáticos da história inglesa, onde a fratura política entre monarquistas e parlamentaristas constituiu um dos principais pontos de tensão na sociedade inglesa do século XVII¹⁵.

¹² Cf. Hart, “Art and Magic” e Jansen, “Antiquarian Drawings and Prints as Collector’s Items”.

¹³ Feola, Vittoria. “Elias Ashmole’s Collections”, 530.

¹⁴ Hunter, “Science and the Shape of Orthodoxy”, 23.

¹⁵ Para discussão ampla e detalhada da guerra civil inglesa cf. Cust & Hughes, *The English Civil War* e Hill, *The World Turned Upside Down*.

Em agosto de 1641, condicionado pelas turbulências políticas e os problemas que a monarquia Inglesa enfrentava diante das forças parlamentares, Elias Ashmole tomou a decisão de sair de Londres. Durante este período, manteve-se fiel à coroa de Charles I e, em decorrência disso, foi enviado para a região de Oxford, um dos últimos bastiões da monarquia e último recanto a ser tomado pelas forças parlamentares de Oliver Cromwell (1599 – 1658), a fim de juntar-se ao Parlamento de Oxford. Tratava-se de uma antiga junta política retomada durante o primeiro ano da Guerra Civil Inglesa pelo conselheiro do rei Sir Edward Hyde, como forma de desafiar a legitimidade do Parlamento de Westminster¹⁶.

¹⁶ Cf. The History of the University of Oxford: Seventeenth Century, Vol IV.



Figura 1 Elias Ashmole vestindo o manto da Windsor Herald, pintado por Cornelis de Neve, em 1664.

1.3.Contatos e relações com os intelectuais de Oxford

Conforme mencionado, devido a sua posição monarquista e ao fato das forças parlamentares terem tomado Londres nos primeiros anos da guerra civil, Ashmole foi forçado a retirar-se de Londres para sua cidade natal, Lichfield. Em decorrência de sua lealdade política, foi convidado pelo governo da cidade de Oxford, ainda fiel à monarquia, para juntar-se às forças reais daquela região¹⁷.

Durante sua primeira estadia em Oxford, Ashmole pode estudar temas como filosofia natural, matemática, astrologia e história inglesa. Tópicos que, mais tarde, seriam estruturantes para suas obras. Ashmole teve uma profícua relação com a universidade. Nos anos 1680, a universidade concedeu-lhe, inclusive, o grau de Doutor em Medicina¹⁸. Anos mais tarde, não era incomum que estudiosos o procurassem para serem indicados como professores em Oxford¹⁹, tamanho era o grau de influência de Ashmole na universidade.

A relação de Ashmole com Oxford garantiu-lhe a ampliação de uma rede de contatos na universidade. Seria essa rede um dos pontos de apoio para a composição de seu museu e, já na década de 1680, um dos motivos para que fosse doado à universidade. Suas cartas evidenciam uma série de reuniões e importantes trabalhos realizados *na* e *para* indivíduos ligados a universidade de Oxford. Em 1658, por exemplo, a pedido do bibliotecário Thomas Harlow, Ashmole começou a escrever um catálogo de coleção de moedas romanas para a Bodleian Library²⁰. Daí deriva-se uma área de conhecimento aparentemente relevante para Ashmole: a numismática. No prefácio em latim do catálogo, Ashmole menciona a importância daquele tema como parte dos seus interesse em assuntos antiquaristas, ao mesmo tempo em que expressa a necessidade de estimular alunos no estudo da numismática²¹.

¹⁷ Josten, 19-20.

¹⁸ Daves, 336.

¹⁹ Ibid., 353.

²⁰ Josten, 124.

²¹ Ibid.

Moedas e medalhas estavam entre os itens mais cobiçados nos chamados Gabinetes de curiosidades²². Como expressa John Evelyn (1620 – 1706) em sua *Numismata* (1679) – um dos trabalhos mais reconhecidos, na época, sobre o assunto – as medalhas e moedas constituíam “os instrumentos mais duradouros e vocalizadores da Antiguidade²³. Além disso, coleções de moedas constituíam um importante instrumento para o estudioso erudito dedicado à história antiga²⁴. No mais, era também um sinal de elevada posição social²⁵, uma vez que os itens desse tipo de coleção podiam alcançar altos preços. Ashmole, nesse sentido, expressou um valor comum de seu tempo, quando, no prefácio do referido catálogo de moedas, falou da necessidade de tal conhecimento para qualquer erudito²⁶.

1.4.Ashmole e o *Oxford Philosophical Club*

Em um contexto onde o extremo radicalismo político e religioso criava o perfeito cenário para uma das guerras mais sangrentas e brutais da história europeia, Oxford abrigava uma série de influentes homens de ciência, dentre os quais John Wilkins (1614 – 1672), Robert Boyle (1627 – 1691), Thomas Willis (1621 – 1675), Jonathan Goddard (1617–1675), John Wallis (1616–1703) e Seth Ward (1617–1689). Estes estudiosos constituíram um grupo ou ‘Club’ que, mais adiante, viria a se tornar a *Oxford Philosophical Society*. Provavelmente, ligado a esse grupo, mesmo que de forma indireta, Ashmole chegou a participar de suas reuniões, no Wadham College, em Oxford, juntamente com alguns dos filósofos naturais mencionados acima. Suas cartas e diário mencionam, por exemplo, encontros com John Wilkins e

²² Cf. Findlen, *Possessing Nature*. De maneira sucinta: trata-se de coleções privadas de objetos “extraordinários”, contendo de espécimes naturais a pinturas. Traremos desta conceptualização em maior detalhe no segundo capítulo, no contexto de formação do museu Ashmole.

²³ Evelyn, *The Diary of John Evelyn* (New York and London: M. Walter Dunne, 1901). Apud Hunter, *Science and the Shape of Orthodoxy: Intellectual Change in Late Seventeenth-Century Britain*. (Woosbridge: Boydell Press, 1995), 36.

²⁴ Veremos mais adiante a relação de Ashmole com a escrita da história Inglesa no contexto da monarquia.

²⁵ Ross, “‘Magic Coins’ and ‘Magic Squares’”, 271.

²⁶ Hunter, 37.

Christppher Wren (1632 – 1723)²⁷. Vale lembrar que pertenceram a tal círculo muitos dos que viriam a fundar a *Royal Society*, em 1660²⁸.

A relação do *Oxford Philosophical Club* com a formação da *Royal Society* de Londres pode ser evidenciada na dedicatória escrita pelo primeiro secretário da *Royal Society*, Henry Oldenburg (1619-1677), no quarto volume da *Philosophical Transactions*. Tendo Seth Ward como referente, Oldenburg declara:

“Temos que relembrar, que agora faz 15 ou 16 anos, desde que (...) você [Seth Ward] acrescentou vida aos brilhantes Oxonianos, me refiro àquela reunião, que poderia ser denominada de Embrião ou Primeira Concepção da *Royal Society*”²⁹.

Em uma carta de 1651, enviada para o parlamentarista e membro da *Royal Society*, Justinian Isham (1610 – 1675), Seth Ward narra importantes detalhes sobre as atividades do grupo que antecedeu e deu forma à *Philosophical Society* de Oxford. São detalhes significativos relativos à natureza dessa sociedade e de suas atividades intelectuais e, portanto, do tipo de universo intelectual em que Ashmole esteve envolvido em Oxford. O Club era formado por 30 pessoas:

“(...) Cada um tomando um investigando a filosofia natural e as matemáticas mistas (...) e somente uma única história dos fenômenos como temos em nossa biblioteca e, por vezes, isolando experimentos como tivemos ocasião e oportunidade, o nosso primeiro objetivo é reunir tais coisas já descobertas e fazer um livro com um índice geral das mesmas, em seguida ter uma coleção daquelas que ainda estão sendo investigadas e, de acordo com as nossas oportunidades, realizar experimentos inquisitivos (...) o funcionamento da natureza pode ser descoberto (...) consideramos (...) fazer um catálogo ou índice das matérias e particularmente da filosofia, física, matemática e de fato de todas as outras faculdades, para que esse grande número de livros possa ser útil e, um homem possa, ao mesmo tempo, encontrar tudo o que há referente à sua investigação (....)”³⁰.

²⁷ Daves, 336.

²⁸ Feola, 531.

²⁹ Robinson, “An Unpublished Letter of Dr Seth Ward”, 68.

³⁰ Ibid., 70.

Na década de 1680, o Club ao qual se refere Ward é oficialmente formado com a denominação *Oxford Philosophical Society*, no museu Ashmolean. O próprio espaço do museu seria utilizado em anos posteriores para reuniões³¹, o que nos fornece mais um indício da natureza da relação entre Ashmole e a referida sociedade.

1.5.Os estudos de Elias Ashmole em relação a alquimia e astrologia.

De volta a Londres, em 1646, após a derrota das forças monárquicas, Ashmole envolveu-se com uma rede de estudiosos de astrologia, dentre os quais, um dos mais proeminentes de sua época era William Lily (1602-1681). Nesse período, Ashmole contribuiu com as traduções de dois tratados de William Lily, que versavam não só sobre a prática da astrologia, com também da magia³².

Durante sua estadia em Londres, Ashmole também frequentou palestras públicas no Gresham College (lugar onde, aliás, se originaria futuramente a *Royal Society*), seguindo o conselho de seu professor, matemático e ministro anglicano William Oughtred (1674-1660). Foi através de contatos de Oughtred, no referido College, que Ashmole se tornou um membro da *Learned Society of Astrologers*, de Londres, no final da década de 1640³³.

É importante ressaltar que o conjunto de conhecimento astrológico e alquímico desfrutava de considerável prestígio no seio da intelectualidade não só britânica, como europeia, no exato momento em que Ashmole começou seus estudos. Inclusive, indivíduos de alto prestígio político, como o estadista Thomas Clifford (1630 – 1673) e o então príncipe e futuro rei Charles II, pediram a Ashmole elucidação astrológica sobre os resultados de suas negociações com o parlamento³⁴.

Tal prestígio também seria experimentado pelas ideias alquímicas, tornando-se evidente por meio da produção e edição de uma ampla gama de obras sobre o tema. Nestes trabalhos, onde ainda estavam presentes máximas alquímicas de épocas anteriores, os receituários e procedimentos, por vezes

³¹ Cf. Josten, “Elias Ashmole (1617-1692)”.

³² Debus, xxvii.

³³ Ibid., e Feola, 351.

³⁴ Hunter, 29.

cifrados ou em forma de poemas, continuavam a guardar a relação microcosmo-macrocosmo, entre o homem, a natureza e o universo³⁵. Mas também, já era possível identificar, especialmente numa gama de obras produzidas desde o século XVI, uma ênfase na matemática como uma chave para o entendimento da natureza, sem deixar de lado o modelo relacional maior que continuava a ser o macro micro cosmo³⁶.

Para melhor elucidar esse aspecto, tomamos como exemplo a explanação oferecida por A. Debus, na introdução de sua edição ao *Theatrum Chemicum Britannicum*, do próprio Ashmole. Segundo Debus, uma série de estudiosos do mundo natural buscava a verdade na natureza por meio de relações entre o micro e o macrocosmo. Postulava-se que o homem como microcosmo espelhava todos os aspectos do mundo maior (ou cosmo), e por causa da união essencial da natureza, poder-se-ia buscar correspondências significativas entre o mundo sub e supralunar, ou entre as estrelas, a terra e o homem³⁷.

Ainda, segundo Debus, concepções de mundo típicas deste período também eram sustentadas por Elias Ashmole. Vários dos seus trabalhos expressavam concepções de um mundo neoplatônico, onde as suas partes estavam interconectadas por uma espécie de simpatia universal. Por sua vez, essas interconexões estariam estampadas na natureza, através de sinais que podiam ser lidos e interpretados pelos homens³⁸. Atrelado a tais concepções, Ashmole estava inserido em um contexto onde se acreditava que a existência de um Criador podia ser percebida por meio da revelação das virtudes inerentes, embora ocultas, aos objetos naturais. Portanto, conhecer essas virtudes era também uma das melhores formas de conhecer algo do Criador e glorificá-lo. Essa seria, inclusive, uma das razões fundamentais para que o estudo do mundo natural passasse a receber tanta atenção naquela época³⁹.

Todo esse sistema de compressão de mundo estava contido em um dos mais ousados projetos de Ashmole: o *Theatrum Chemicum Britannicum*. Esta obra foi publicada em 1652, reunindo obras compostas por estudiosos

³⁵ Cf. Alfonso-Goldfarb. *Da Alquimia à Química* e Debus, *Man and nature in the Renaissance*.

³⁶ Debus, *Theatrum Chemicum Britannicum*, X.

³⁷ *Ibid.*, XI.

³⁸ *Ibid.*, xxxiv.

³⁹ *Ibid.*, xxxv.

desde o início do renascimento inglês. No *Prolegomena* desse compendio alquímico, Ashmole observa a relevância das ideias astrológicas, alquímicas e mágicas no século XVII. Segundo ele, os trabalhos de alquimistas ingleses gozavam de tamanho prestígio no exterior que estudiosos de diversos países viajavam até a Inglaterra para obtê-las. Seu propósito maior seria aprender a linguagem alquímica dessas obras, bem o suficiente, para traduzi-las ao Latim⁴⁰. Naturalmente, com isto, Ashmole visava prestigiar a língua inglesa, pouco relevante naquela época, frente ao latim ou, até mesmo, a outras línguas modernas. Uma vez que, a formação de um corpo de traduções em inglês, de obras importantes no período, constituiu-se num dos grandes interesses de Ashmole, conforme será visto adiante.

⁴⁰ Ibid., xviii.



These Hieroglyphicks vaile the Vigorous Beames
 Of an vnbounde'd Soule The device & Scheme's
 The full Interpreter: But how's conceald.
 Who through Enigmaes lookes, is so Reveal'd.
 T. Crisp. sculp. T. W. M. D.

Figura 2 Frontispício da tradução da coletânea *Fasciculus Chemicus*

1.6.Ashmole: da aquisição de textos e do trabalho com edição

Duas circunstâncias de ordem pessoal (ou quase pessoal) forneceram parte das condições que permitiram a Ashmole o aprofundamento de seus interesses intelectuais: o segundo casamento e seu relacionamento com o antiquário e filósofo natural William Backhouse (1593–1662)⁴¹.

Seu segundo casamento, em 1649, com uma abastada viúva chamada Elisabeth Dugdale, teria fornecido meios para levar adiante seus interesses antiquaristas, sempre dependentes de largas somas de numerários. Desta forma, Ashmole pôde adquirir uma vasta coleção de moedas, objetos arqueológicos, e uma ampla biblioteca de manuscritos médicos, históricos e alquímicos⁴². Tais aquisições, juntamente com outros materiais adquiridos ao longo de sua carreira, viriam a compor parte do acervo do Museu Ashmolean, doado a Oxford, na década de 1680⁴³.

A partir de seu interesse pela alquimia, Ashmole fez amizade com o já citado pastor, filósofo natural, mas também alquimista, William Backhouse, de quem Ashmole tornou-se pupilo e espécie de filho espiritual. Em 1653, William Backhouse faleceu, mas deixou um estudo secreto intitulado *The True Matter of the Philosophers Stone* que teria como objetivo discutir a verdadeira matéria da pedra filosofal⁴⁴.

Porém, antes disso, as buscas pelos conhecimentos de laboratório, bem como a tradução de textos sobre as diversas ciências, já constituíam uma agenda ao redor da qual vários estudiosos dos círculos londrinos – frequentados por Ashmole e Backhouse – estiveram envolvidos. Sabe-se, inclusive, que Backhouse organizou encontros em sua casa, onde Ashmole e outros membros da Sociedade de Astrólogos puderam reunir-se para trabalhar com traduções e discutirem assuntos ligados à matemática, astrologia, astroquímica e à magia natural. Foi neste ambiente rodeado por obras de filosofia natural – e todos os estudos astrológicos, alquímicos e similares a elas

⁴¹ Ibid., xxviii.

⁴² Ibid., xxviii.

⁴³ Cf. MacGregor, *Tradescant's Rarities*.

⁴⁴ Josten, 15.

agregados⁴⁵ – que Ashmole teria aguçado seu gosto pelo antiquarismo e pela edição de textos.

1.7.Elias Ashmole: um antiquário

Ashmole nutriu um profundo interesse pela prática do antiquarismo. Uma de suas prováveis inspirações foi William Dugdale (1605-1686), com quem estabeleceu um relacionamento próximo, casando-se com sua irmã Elisabeth, em 1649. Em suas cartas, Ashmole menciona com frequência seus encontros com Dugdale, em Oxford. Vale lembrar que a obra *The Antiquities Warwickshire*, feita por Dugdale, foi considerada um marco nos estudos da história local, já no seu tempo⁴⁶.

Se a influência pessoal de Dugdale foi importante, não menos relevantes foram as preocupações antiquaristas de Ashmole em relação à heráldica e a *Order of the Garter*⁴⁷. O contexto do denominado Interregno⁴⁸ sublinhava ainda mais o sentido, a função e o valor da heráldica, dado seu apelo chancelar sobre a estabilidade genealógica e social neste ambiente de alta mutabilidade das posições nos altos escalões do poder. A partir deste contexto social, infere-se a importância de um perito em heráldica, como foi Ashmole.

Enquanto que o período seguinte, a denominada Restauração, constitui um interessante dispositivo analítico porque conota, além da alusão à volta da monarquia inglesa ao poder, o fortalecimento de práticas de levantamento histórico e/ou recuperação do passado. Assim, mais uma vez,

⁴⁵ Cf. Alfonso-Goldfarb et al, “Lost Royal Society Documents on ‘Alkahest’”; “Seventeenth-Century ‘Treasure’ Found in Royal Society Archives”; “Seventeenth-Century Experimental, Magisterial Formulae and the ‘Animal Alkahest’” e Feola, “Elias Ashmole’s Collections”.

⁴⁶ Hunter, 31.

⁴⁷ Trata-se de uma ordem de cavalaria britânica, a mais antiga da Inglaterra e do sistema de honras britânico. Foi fundada pelo rei Edward III (1312 – 1377) em 1348.

⁴⁸ De 1649-1660, a Inglaterra sofreu uma reconfiguração no seu sistema político. Denomina-se *Interregnum* (“entre reinos”) o período em que o país esteve sob o regime republicano, particularmente sob a liderança de Oliver Cromwell que, em 1653, dissolveu o Parlamento e tornou-se Lorde Protetor. Trata-se ao mesmo tempo do período entre a execução de Charles I, em 30 de janeiro de 1649, e a chegada de seu filho Charles II em Londres, em 29 de maio de 1660, que marcou o início da denominada Restauração ou da retomada da monarquia britânica. Cf. Braddick, *God’s Fury, England’s Fire* e Carlton, *Going to the Wars*.

alguém como Ashmole, por meio dos seus conhecimentos e técnicas de antiquarismo, ajudaria a fortalecer histórica e simbolicamente o *status quo*.

A prestigiosa *Order of the Garter*⁴⁹ constitui um bom exemplo do significado e valor dispensados aos antiquários do período. Ashmole desfrutou de grande favor do rei quando se propôs a escrever a história da O.G. Embora seja importante lembrar que, por história, entendia-se a vida dos fundadores da Ordem. A obra foi publicada em 1672, como *The Institutions, Law & Ceremonies of the most Noble Order of the Garter*. Ashmole propôs ainda a criação de um novo posto na Ordem: o de *Historiographer and Remembrencer of the Order*. Mas o posto foi negado⁵⁰.

A O.G. foi uma das mais antigas ordens de cavalaria na Europa e um dos símbolos máximos da monarquia inglesa. Não é de se surpreender que Ashmole tenha proposto tal empreitada ainda durante o chamado Interregno, já que parte de sua intenção política era deliberadamente louvar os valores monárquicos em contraponto ao regime republicano⁵¹.

De fato, a referida Ordem sempre esteve associada com a monarquia. Foi fundada por Edward III e esteve ligada aos seus sucessores, e muitos dos seus membros foram monarcas estrangeiros. Além disso, se manteve durante o reinado dos Stuarts, especialmente com Charles I⁵². Assim, muito embora não tenha obtido o cargo de historiador mor dessa ordem, com a Restauração de Charles II, em 1660, Ashmole foi apontado para o posto de Windsor Herald no College of Arms, o centro da atividade heráldica do reino⁵³.

⁴⁹ Daqui em diante O.G.

⁵⁰ Josten, 131.

⁵¹ Hunter, 24.

⁵² Ibid., 32.

⁵³ Josten, 131.

1.8.O contexto dos Tradescant

Paralelo às suas incursões no Palácio de Whitehal⁵⁴, Ashmole envolveu-se em um longo processo de disputa judicial pela coleção e biblioteca dos Tradescant. Esta família possuía uma ampla coleção de artefatos que haviam sido coletados em suas viagens, ou adquiridos de seus muitos clientes abastados ou aventureiros: capitães de navios mercantes e colecionadores que a família conhecia. A coleção continha materiais de países do mundo todo, tais como escudos, sapatos, espadas, miçangas e pratos de pedra preciosa, assim como esculturas em miniatura⁵⁵.

John Tradescant 'o Jovem' (1608-1662), filho do velho colecionador John Tradescant (1570-1638), teria prometido a coleção para Ashmole. No entanto, em seu testamento, Tradescant deixou a coleção para sua esposa Hester, fato propulsor de uma longa disputa judicial. Hester perdeu a querela – embora tenha sido autorizada a manter a coleção durante a sua vida⁵⁶. Após finalmente ter recebido o museu Tradescant, em 1662, Ashmole discutiu com Thomas Barlow e Thomas Hyde os planos futuros para a doá-lo a Oxford⁵⁷.

Além das tensões constituintes do contexto de aquisição da coleção dos Tradescant, a relação de Ashmole com esta família revela outro importante traço dos interesses de Ashmole: o virtuoso, “o maior virtuoso e curioso que já existiu e foi lido na Inglaterra,” nas palavras do antiquário Anthony Wood (1632-1695)⁵⁸.

⁵⁴ Hunter, 24.

⁵⁵ Cf. MacGregor, *Tradescant's Rarities*.

⁵⁶ Detalhes da disputa de Ashmole, cf. Josten, 126-128.

⁵⁷ Josten, 223.

⁵⁸ Para maiores detalhes da relação de Ashmole com os Tradescant, vide MacGregor, *Tradescant's Rarities*.



Figura 4 Gravura de John Tradescant mais velho feita por Wenceslau Hollar

O trabalho de catalogação da coleção dos Tradescant nos remete aos anos iniciais da carreira de Ashmole. Uma vez que o catálogo foi finalizado por ele e pelo médico, Thomas Wharton, em 1652, apesar de não ter sido publicado até 1656. Ashmole não apenas ajudou a escrever esta versão primeira do catálogo, mas também pagou os custos da produção. Alguns autores ainda disputam se este teria sido o principal vínculo entre Ashmole e os Tradescant, o que teria resultado na doação para ele da coleção que chegaria até Oxford, em 1683.⁵⁹

De qualquer maneira, o profundo envolvimento com este tipo de trabalho é representativo do amplo interesse de Ashmole por antiguidades. Na verdade, sua experiência em tais assuntos, sua formação, o contexto político e o vínculo com Oxford compõem algumas das condições históricas mais basilares para entender a relação do seu percurso intelectual com a formação do Museu Ashmolean, em 1683.

1.9. Ashmole e as ideias Baconianas

Não parece demais sublinhar o papel das ideias de Francis Bacon no contexto científico do século XVII⁶⁰. O arcabouço intelectual de Ashmole, da mesma maneira, não escapou das concepções filosóficas baconianas. É provável que, ainda na década de 1640, Elias Ashmole tenha adquirido a tradução inglesa de *The Advancement of Learning*, de Francis Bacon, que conformaria muito do seu pensamento e suas práticas como colecionador⁶¹.

A divisão e disposição dos departamentos do Museu são indicativos da incorporação de princípios baconianos, relacionados à famosa ‘Casa de Salomão’. Como referido anteriormente, a ‘Casa de Salomão’ foi um ambicioso projeto de Lord Bacon, sonhado por ele para tornar-se um centro de investigação. Este, por sua vez, se transformaria em elemento integrador e estimulador de uma instituição bem maior, dedicada ao saber universal, onde o

⁵⁹ Hunter, 37.

⁶⁰ Um número extenso de estudiosos tem sublinhado esta ideia. Cf. Alfonso-Goldfarb, *A Magia das Maquinas*; Jansen, “Antiquarian Drawings”; Turner, *From Mathematical Practice to The History of Science*.

⁶¹ Feola, 531.

museu seria uma das partes importantes⁶². Em outras palavras, na visão de Lord Bacon, assim como mais tarde na de Ashmole, um museu era uma entidade integrada e integrante de um centro dedicado à nova ciência e, portanto, bem diferente das definições posteriores e mais conhecidas.

Assim, além do espaço para as coleções dos mais diversos tipos de materiais, doadas por Ashmole, que ocupariam um dos três andares, seu museu teve ainda outros setores, tomados em grande parte por uma sala de aula e um espaço para o laboratório, além de uma extensa biblioteca⁶³.

No preâmbulo dos regulamentos elaborados para a administração do museu, Elias Ashmole sublinhou o papel prático (um dos elementos do ideal baconiano) que imaginava para a instituição:

"Porque o conhecimento da natureza é demasiadamente necessário para a vida humana e para a saúde (...) e porque que o conhecimento não pode ser bem adquirido se não pela consideração da história da Natureza, e para esse fim, é suficiente a inspeção das Particularidades, especialmente aquelas extraordinárias contidas em sua Fábrica, ou úteis na Medicina ou aplicada à manufatura ou comércio. Eu, Elias Ashmole, partindo de minha afeição por este tipo de Aprendizagem, reúno uma grande variedade de Concreções naturais e Corpos, e os deposito na Universidade de Oxford"⁶⁴.

A análise de alguns dos aspectos fundamentais da biografia de Elias Ashmole deve nos remeter à tentativa de compreensão do significado do museu que carregou seu nome, a partir da década de 1680, para a ciência do período. O conteúdo, a forma e sua relação com as concepções de museu no seiscentos serão os aspectos centrais do próximo capítulo.

⁶² Francis Bacon em sua obra *The New Atlantis* (11ª Ed, 2000), considera da seguinte forma o objetivo de tal conceito: "Dedica-se ao estudo das obras e criação de Deus", 17.

⁶³ Macgregor, *Museums in The Quest for 'Salomon's House'*, 210.

⁶⁴ Elias Ashmole apud. MacGregor, "A Magazine of All Manner of Inventions". *Museums in the Quest for 'Salomon's House'*, 210.

Capítulo II

Museu Ashmolean: a ciência seiscentista num gabinete de curiosidades.

2.1.O Museu seiscentista e sua etimologia

Ao longo de séculos, termos latinos, tais como *Gazophylacium* e *Cimeliarchium* (literalmente, casa ou lugar dos tesouros), indicavam os locais onde a realeza ou a alta nobreza guardavam suas coleções de preciosidades. Aos poucos, essa espécie de colecionismo deixaria de ser exclusividade das altas casas nobre, tornando-se voga entre a pequena nobreza e os 'comuns' abastados. Assim, especialmente a partir do século XVI, outros termos além dos latinos – como seria o termo inglês *Repository* – passaram a designar os locais onde essas coleções, talvez menos nobres, mas igualmente valiosas, eram depositadas. Todavia, já desde o século XVII, toda essa sinonímia começaria a indicar, de modo crescente, um espaço muito mais diversificado e complexo do que um depósito ou casa de tesouros: um museu. Deste período em diante, esta palavra passou a ser adotada como uma espécie de termo técnico para uma coleção de objetos de arte, de monumentos da antiguidade ou de espécimes de história natural, mineralogia e, geralmente, do que se conhecia como "raridades" e "curiosidades" ⁶⁵. Na linguagem de Samuel Johnson em seu *Dictionary of the English Language* (1755) um museu era "um repositório de curiosidades". Daniel Defoe, falando do museu Ashmolean, o designa de "câmara de raridades" ⁶⁶.

Ainda no século XVII, o termo francês *cabinet* foi adotado em Inglês, ou traduzido por "closet", e os termos "*Galerie*", "*chambre*", "*chambre des raretés*", assim como os termos germânicos "*Raritäten-cabinet*", "*Curiositaten-Gabinete*", foram também incorporados ao vocabulário inglês⁶⁷.

Os germânicos usaram os termos "*Raritäten-Cabinet*", "*Raritäten-Kammer*" e "*Kunst-Kammer*", "*Naturalien-Cabinet*", "*Miinz-Cabinet*", "*Mineralien-Cabinet*" em um contexto semântico similar aos referentes em francês e inglês. Ao falar sobre o príncipe da Saxônia e seu museu em Dresden, no século XVII, Edward Brown (1605 – 1682) escreveu: "Ora, o que

⁶⁵ Cf. Murray, *Museums Their History and Their Use*.

⁶⁶ Defoe, "A Tour Thro' the Whole Island".

⁶⁷ Murray, 37.

proporciona maior prazer é o seu *Kunstkammer*, Câmara de Arte de Coleta de Raridades, tanto da Arte quanto da Natureza”⁶⁸. Há uma definição correspondente no *Universal Lexicon*, de Johann Heinrich Zedler (1706 - 1751): "*Kunstkammer*" corresponde à "museu" e "gabinete", e ambos são dados como equivalentes⁶⁹.

A ideia de *Musaeum* pode ser considerada um conceito que expressa um padrão de atividade que transcende os limites estritos do próprio museu ou mesmo uma metáfora para as tendências enciclopédicas do período. A atividade de coleta, naquele contexto, é considerada por alguns estudiosos como uma estratégia textual. Nessa chave interpretativa, o *Musaeum* – ou ‘Instituto das Musas’ – foi um conceito emprestado da época clássica para designar uma estrutura física que abrangia grande variedade de ideias, imagens e instituições, centrais à cultura seiscentista⁷⁰.

Dessa forma, a ideia de museu poderia ser considerada uma premissa metodológica que se traduziu em uma grande variedade de formas textuais, sociais e culturais. Por outro lado, o enciclopedismo constituiu-se numa das tradições intelectuais mais importantes com que a prática da coleta se alinhou⁷¹.

Enquanto a tradição enciclopédica medieval teria destacado o conhecimento como um plano contínuo de informações, segundo afirmam alguns autores modernos, a tradição enciclopédica do século XVI e XVII assentava-se em larga medida em descontinuidades. Dessa forma, em nenhum lugar tal conjuntura foi mais evidente do que na estrutura do museu seiscentista. O que implicaria dizer que utilizando o termo *Musaeum* como ponto de partida, é possível “folhear” essa estrutura em busca de sentido, palavra após palavra ou objeto após objeto, de maneira similar ao que se faz com uma sequência de palavras em um *corpus* enciclopédico – teatro, tesouro, espelho, floresta, e o microcosmo para listar apenas algumas⁷².

Além disso, o museu do seiscentos tem sido interpretado como uma espécie de parâmetro para elucidar os nexos entre várias disciplinas do

⁶⁸ Ibid., 166.

⁶⁹ Ibid., 37.

⁷⁰ Cf. Gibson-Wood, *Classification and Value in a Seventeenth-Century Museum*. e Findlen, „The Museum: its Classical Etymology and Renaissance Genealogy”, 59-78.

⁷¹ Cf. Findlen, 59-78.

⁷² Ibid., 63

período. Isto porque, o museu teria sido parte de uma tentativa de preservar o programa enciclopédico do mundo clássico e medieval. Mas também, uma forma de traduzir esse antigo enciclopedismo para os projetos que, entre os séculos XVI e XVII, se caracterizaram por buscar uma sabedoria universal⁷³.

Dito de maneira geral, a estrutura do *Musaeum* teria sido projetada para a mistura harmoniosa do natural e do artificial, do real e do imaginário, do ordinário e do extraordinário; para sublinhar a espessura e amplitude das faculdades humanas; ou ainda, para compreender e explicar o que se denominava *Theatrum mundi* – ou seja, a forma metafórica barroca de expressar a ação humana no mundo⁷⁴.

⁷³ Ibid., 61. Para discussão densa sobre o enciclopedismo e o mapa histórico disciplinar, ver Alfonso-Goldfarb, Waisse & Ferraz. *From Shelves to Cyberspace*, 551- 560. Para a relação entre o enciclopedismo e ciência do seiscentos, ver. Alfonso-Goldfarb, “As derivações enciclopédicas no hermetismo medieval” ; Alfonso-Goldfarb, “O Antigo Enciclopedismo e a Ciência Moderna”, 55-60.

⁷⁴ Ver. Rossi. “Logic and the Art of Memory”, 2006.

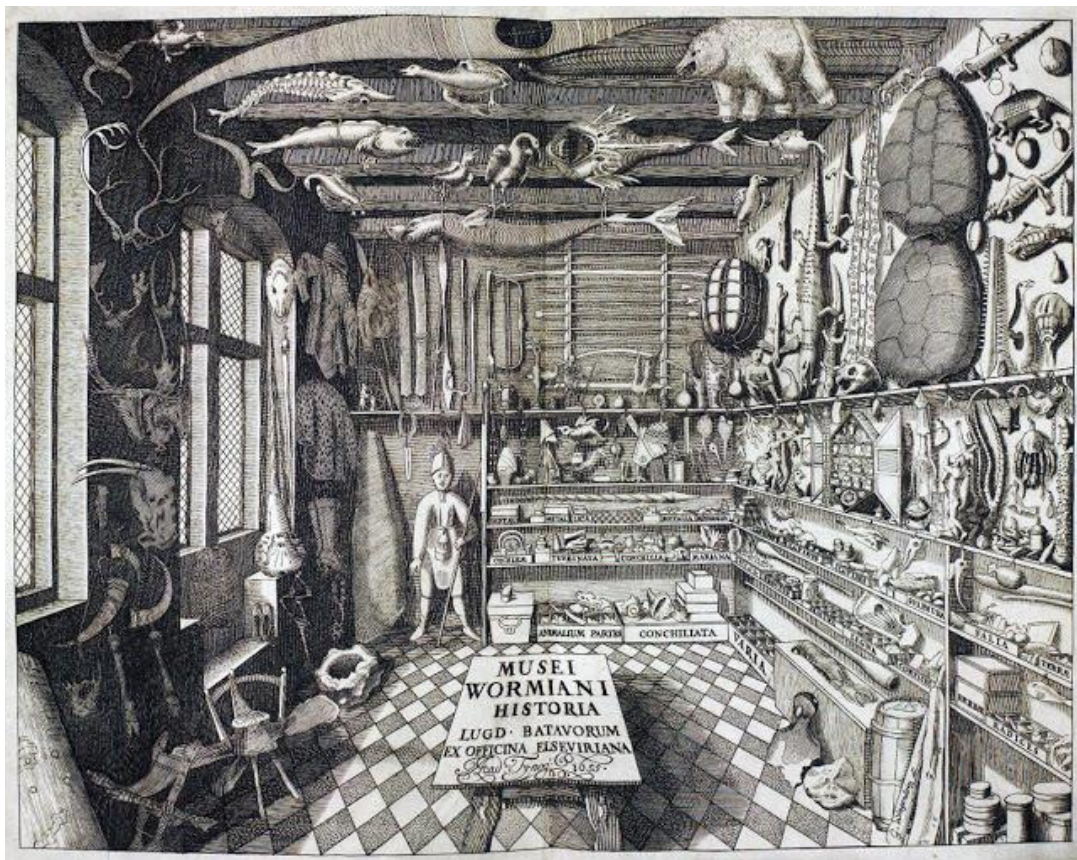


Figura 5 Ole Worm, "Musei Wormiani História" (livro impresso, 1655),
Frontispício⁷⁵.

⁷⁵ O gabinete de curiosidades do naturalista dinamarquês Ole Worm (1588 – 1654) foi um dos mais famosos da Europa do século XVII. A variedade e quantidade de objetos coletados é representativa do tipo de concepção de museu que se tinha na época.

2.2.Contexto Geral: o sentido da história natural baconiana e a relação com o *Musaeum*

A Inglaterra do período da Restauração e da criação da *Royal Society* de Londres tomou as máximas baconianas sobre a história natural como fundamento para uma nova forma de inquirição filosófica. E, nessa nova forma de inquirir, o ato de coletar era visto como uma parte das mais importantes, para que fosse possível chegar a uma também nova cultura científica. Vários membros ligados à *Royal Society*, incluindo Ashmole, seguiram de perto as diretrizes baconianas impressas no *New Atlantis*, as quais prescreviam que a coleta de informação e a posse de objetos constituíam características fundamentais para a criação de uma nova enciclopédia da natureza e, de forma geral, também do conhecimento⁷⁶.

Com o propósito de trazer toda a natureza para um único espaço, os museus no século XVII, particularmente as coleções privadas, incorporavam o referido ideal de coleta, organização e apresentação do conhecimento para a nova ciência. De maneira geral, autores modernos têm explorado as formas em que os museus estruturavam aspectos significativos da cultura do século XVI e XVII, interpretando-os a partir das tendências enciclopédicas do período⁷⁷. Alguns desses estudiosos têm, inclusive, apontado os séculos XVI e XVII como o período de aparecimento dos primeiros museus, no sentido moderno⁷⁸.

De toda forma, a maioria dos museus seiscentistas estava relacionada aos gabinetes de curiosidades e repositórios de maravilhas naturais. Na verdade, tais espaços emergiram em um contexto no qual toda a Europa parecia estar coletando. Assim, museus, agregados a bibliotecas, jardins e galerias de arte passaram a compor o cenário europeu desse período⁷⁹.

A noção de posse da natureza figurou, de maneira proeminente, nesta espécie de ampla *matrix* de colecionismo. Junto à arte, antiguidades e artefatos exóticos, a natureza era tida como objeto de intensa busca e desejo. Fundamentando-se em definições enciclopédicas, como a de Plínio, bem como

⁷⁶ Cf. Findlen, *Possessing Nature*.

⁷⁷ Cf. Ibid., "The Museum".

⁷⁸ Cf. Murray, 36-38.

⁷⁹ Cf. Impey, *The Origins of Museums*, 1985.

na visão de autores como Diógenes Laércio e Galeno – que definiam a história natural como o estudo de objetos úteis às ciências –, diversos colecionadores trouxeram a natureza, de seus elementos mais exóticos aos mais comuns, para dentro dos museus⁸⁰.

Todavia, se pensarmos num contexto histórico mais geral, uma pergunta possível seria: por que europeus desse período optaram pelo colecionismo como uma chave para o entendimento do mundo? Uma resposta plausível seria considerar o colecionismo, e a subsequente criação dos museus, como uma forma de lidar com a explosão de materiais que, tanto a viagem de descobertas, quanto as formas mais sistemáticas de comunicação e comércio, produziu. E, num certo sentido, tudo isso estaria vinculado à ampla disseminação de textos antigos que, num crescendo, desde o século XV, provocou a febre europeia por novas terras e novos materiais⁸¹. Algo que, mais uma vez, nos remete ao colecionismo.

Em diversos países da Europa dos séculos XVI e XVII, o desejo por novos produtos levou ao contato comercial com a Ásia, o Oriente Médio, África e as Américas. Normalmente, o influxo de tais produtos tinha por objetivo satisfazer o apetite por artefatos culturais exóticos de terras distantes. Assim, por exemplo, em 1674, um estudioso e membro da Royal Society, como John Evelyn, reconhecia, de maneira entusiástica, o profundo efeito de objetos não europeus na cultura material inglesa: “a Ásia nos revigora com especiarias, nos recia com perfumes, nos cura com drogas, e nos adorna com joias; a África envia-nos marfim e ouro; a América, prata, açúcar e algodão”⁸².

Enquanto esses fatores contribuíram para a crescente curiosidade dos europeus em relação a outras culturas, em última instância, também redefiniram, embora paulatinamente, a visão de mundo europeia. Tal mudança gradativa se fez notar no que dizia respeito à medida de “civilização” de outros povos, percebida pelos europeus. Mas, acabou também produzindo novas atitudes em relação à natureza e aos estudos sobre história natural: “Não deve ser estimado como assunto de menor importância que pelas viagens destes últimos tempos, tem se descoberto muito mais da natureza do que em qualquer

⁸⁰ Cf. Murray, 19-23.

⁸¹ Cf. Ryan, “Assimilating New Worlds”, 519-538.

⁸² Evelyn, 23.

período anterior”, escreveu Francis Bacon, insistindo ainda que a história natural deveria tornar-se o fundamento da nova filosofia da natureza, no século XVII:

"Seria, de fato, uma vergonha para a humanidade, se, depois da descoberta de tais extensões do mundo material, extensões desconhecidas em épocas anteriores – tantos mares atravessados – tantos países explorados – tantas estrelas descobertas – a filosofia, ou o mundo inteligível, devesse ficar circunscrito pelos mesmos limites que antes”⁸³.

A história natural, como observado por Bacon, era uma forma de inquirição estruturada para registrar o conhecimento do mundo para o uso e melhoramento da humanidade. O colecionismo, desde a aquisição de artefatos até sua organização e disposição em museus, era uma maneira de manter algum controle sobre o mundo natural. Se o conhecimento do mundo não podia mais estar contido apenas em uma série de textos canônicos, então, talvez pudesse estar disposto em um museu. Era o que indicava Bacon, ao convocar estudiosos da natureza a estabelecer repositórios para monitorar o fluxo de objetos e informação⁸⁴.

No contexto inglês, uma das principais coleções do século XVII foi a dos Tradescant. Como já foi dito no capítulo anterior, esta coleção foi fundamental para o que viria a ser o Museu Ashmolean. Por esta razão, e com o intuito de indicar os objetos que também compuseram o museu previamente estabelecido por Ashmole, convém que nos detenhamos na descrição de alguns dos artefatos ali existentes. Nossa base documental será o catálogo feito por Ashmole, em 1656, referente à coleção dos Tradescant, bem como o Catálogo de manuscritos de Ashmole (1685).

⁸³ Bacon, *Novum Organum* (London: s.ed., 1620), citado em David Murray – Museums: their history, 19-20.

⁸⁴ Cf. Findlen, *Possessing Nature*..

2.3.A Coleção dos Tradescant

Em 15 de junho de 1650, Elias Ashmole registrou em seu diário: "Eu, minha esposa e Dr. Wharton, fomos visitar o Mr. John Tradescant em South Lambeth". Sabe-se que, em 1656, Ashmole publicaria o catálogo denominado *Musaeum Tradescantianum: Or, A Collection of Rarities Preserved at South – Lambeth Neer London*. Em seu diário, em dezembro de 1659, Ashmole confirma que o "Sr. Tradescant e sua esposa estavam considerando para quem outorgar o seu gabinete de curiosidades quando eles morressem, e, finalmente, resolveram doar para mim"⁸⁵.

Como vemos, uma considerável parte da coleção do museu pertencia a família dos Tradescant. Assim, por meio da descrição da denominada *Tradescant Ark* pode-se ter uma ideia de alguns dos componentes do museu de Ashmole.

⁸⁵ Daves, "The Lives of Those Eminent Antiquaries Elias Ashmole", 326.



Figura 6 John Tradescant e seu jovem amigo Roger que esta lhe mostrando uma coleção de conchas exóticas⁸⁶

Uma primeira referência a essa coleção vem de um viajante germânico chamado Georg Christoph Stirn (1616 - 1669) que, em julho de 1638, conheceu o gabinete dos Tradescant e o descreveu da seguinte forma:

“(...) no pátio há duas costelas de uma baleia, também um pequeno barco muito engenhoso de casca; em seguida, no jardim todos os tipos de plantas estrangeiras, que poderiam ser encontradas em um pequeno livro especial que o Sr. Tradescant tinha impresso sobre eles. No próprio museu, vimos uma salamandra, um camaleão, um pelicano, uma rêmora, um lanhado da África, uma perdiz branca, um ganso que cresceu na Escócia em uma árvore, um esquilo voador, outro esquilo como um peixe, todos os tipos de pássaros coloridos e brilhantes da Índia, uma série de coisas transformadas em pedra, entre outros um pedaço de carne humana em um osso, cabaças, azeitonas, um pedaço de

⁸⁶ Fonte: Catalogo Ashmolean Museum (1685). Pintado em 1645 atribuído a Thomas de Critz (1607-1653). Inscrito em amarelo acima das conchas está indicado quem seriam os dois personagens representados na pintura: *Sr. John Tradescant Junr. & his friend Zythepso of Lambeth*.

madeira, a cabeça de um macaco, um queijo etc; (...) todos os tipos de escudos, a mão de uma sereia, a mão de uma múmia, uma mão de cera muito natural sob o vidro, todos os tipos de pedras preciosas, moedas, um retrato feito de penas, um pequeno pedaço de madeira da cruz de Cristo (...) uma caixa pequena em que uma paisagem é vista em perspectiva, as imagens da igreja de Sophia em Constantinopla copiadas por um judeu em um livro (...) muitos sapatos e botas turcas, um papagaio do mar, um peixe-sapo, casco de um alce com três garras, um bastão do tamanho de um pombo, um osso humano (...) um pouco de madeira muito leve da África, o manto do rei da Virgínia, algumas taças de ágata, um cinto, como os turcos usam em Jerusalém (...) uma pedra encontrada nas Índias Ocidentais, sobre o qual estão gravados Jesus, Maria e José; um belo presente do duque de Buckingham (...) um flagelo com o qual Charles V é dito ter açoitado a si mesmo.”⁸⁷

Parte da coleção dos Tradescant é também descrita por John Evelyn, depois de fazer uma visita à família, em Lambeth: “entre as principais raridades estavam, em minha opinião, os antigos escudos e armas romanas e indianas”⁸⁸.

Outra fonte reveladora dos objetos contidos no gabinete dos Tradescant foi o próprio catálogo editado por Ashmole, em 1656. O catálogo foi dividido em duas seções. Na primeira, constam as seguintes subdivisões: 1. Aves – contendo bicos, penas e garras; 2. Quatro bestas – contendo pele, chifres e cascos; 3. Peixes estranhos; 4. Criaturas em conchas – dos quais alguns são chamados *Mollia*, alguns *Crustáceos*, outros *Testacea*. Esses últimos divididos em *univalia* e *bivalia*. 5. Insetos – várias formas de insetos terrestres: *Anelytra*, *Coleoptera*, *Aptera*, *Apoda* 6. Minerais – e aqueles de natureza próxima a eles: Terras, Corais, Sais, Betumes, Coisas Petrificadas, Pedras escolhidas, Gemas; 7. Frutas estranhas – da Índia, com sementes, raízes, madeiras e diversos ingredientes Medicinais e para a Arte da Morte; 8. Máquinas – pedaços em Escultura, Tornos e Pinturas 9. Outras variedades de Raridades, 10. Instrumentos de guerra – europeus, indianos etc. 11. Vestuário, hábitos, coletes, ornamentos', 12. Utensílios de cozinha e coisas domésticas, 13. Numismata – Moedas antigas e modernas de prata e cobre, hebraica, grega, romana, tanto imperial quanto consular; 14. Medalhas – ouro, prata, cobre e chumbo.

⁸⁷ Stirn, “Travel Diary of Georg Christoph Stirn of Nürnberg” Apud MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 21.

⁸⁸ MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 22.

A segunda parte registra as seguintes partes: 15. Enumeração de suas Plantas, Arbustos e Árvores tanto em inglês quanto latim; 16. Um catálogo de seus benfeitores⁸⁹.

2.4.O Gabinete ou Museu de Ashmole

Ashmole tinha seu próprio museu ou gabinete, ou ainda o que denominava *chamber* onde, como sugere seu diário, não apenas guardava suas coleções de antiguidades, mas recebia figuras ilustres da elite política e científica do período. Entre estes estariam o diplomata Joseph Williamson (1633 – 1701); um enviado dinamarquês (não identificado por Ashmole), em 1670; Lorenzo Magalotti (1637-1712), filósofo e diplomata italiano – encaminhado à Ashmole pelo secretário da *Royal Society*, Henry Oldenburg –, em 1669 para, nas palavras de Ashmole, “ver minha biblioteca e moedas”⁹⁰.

Uma importante parte de sua coleção foi perdida em incêndio no *Middle Temple*, em janeiro de 1679, parte do complexo arquitetônico monárquico que abrigava o gabinete de Ashmole. Dentre os seus objetos queimados estavam: uma biblioteca coletada por 33 anos, livros, na sua maior parte estrangeiros, uma coleção enorme de moedas e medalhas antigas. Mas, foi consumido pelo fogo um bom número de suas observações sobre História, moedas, medalhas, heráldica, e alguns outros assuntos⁹¹.

2.5.A fundação do Museu Ashmolean em Oxford

Aberto ao público em 1683, o Museu Ashmolean se tornou o primeiro museu público em toda a Grã-Bretanha⁹². Rumores da intenção de doação de Ashmole para Oxford foram ouvidos por volta de 1670. Prova desses rumores é, por exemplo, a carta de John Evelyn a outro membro da *Royal Society*, John Beale, onde diz que os acadêmicos, em Oxford, “já falam da fundação de uma Laboratório, e têm pedido que as Relíquias do velho

⁸⁹ Ibid., 24. Serão oferecidos exemplos das peças aqui contidas, mais adiante.

⁹⁰ Daves, 335.

⁹¹ MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 46.

⁹² Anderson, “Science Museums and the Science Museum”, 471.

Tradescante móbiem um Repositório"⁹³. Evelyn fornece, assim, indícios de que a iniciativa do museu teria vindo das autoridades universitárias.

Por outro lado, a proposta poderia ter vindo do próprio Ashmole, que esteve associado à universidade em várias situações, incluindo o contexto de seu já mencionado trabalho de catalogação das coleções de moedas da *Bodleian library*, entre 1658 e 1666. Se este foi o caso, Ashmole estava levando a cabo a vontade de John Tradescant 'o Jovem' que, em seu testamento, pediu que sua coleção fosse para a universidade de Oxford ou Cambridge.

Em outra carta, escrita em 1677, antes da aceitação formal da proposta de Ashmole, o clérigo de Oxford, Humphrey Prideaux (1648-1724), comentaria com um membro do parlamento, John Ellis (1643–1738), que as autoridades "estão agora trabalhando em um projeto de construção de um espaço de palestras para Filosofia a fim de ser utilizado para as aulas de Robert Plot sobre a História Natural de Oxfordshire". Com base nisso, as autoridades planejavam construir uma espécie de escola ou local de seminários, tendo um laboratório entre seus compartimentos e vários outros quartos designados ao abrigo das raridades de John Tradescant, que estavam, naquele momento, em posse de Elias Ashmole. Tudo parece indicar, portanto, que Ashmole havia prometido doar tais coleções à universidade assim que um lugar apropriado fosse construído para recebê-las⁹⁴.

O novo prédio começou a ser construído em 1679 e foi finalizado em 1683, num terreno que, anteriormente, abrigava antigas casas demolidas ao largo da *Broad Street* entre o *Exeter College* e o então recentemente construído *Sheldonian Theatre*. A compra e a construção custaram cerca de £ 560.000 à universidade, pagos ao *Exeter College* e à cidade de Oxford. Historiadores ainda discutem a autoria do projeto do prédio, mas Thomas Wood, um mestre maçom de Oxford, teria sido o arquiteto, e não Christopher Wren, como sugerem alguns estudiosos⁹⁵.

⁹³ Hunter, 43.

⁹⁴ MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 44.

⁹⁵ Para uma discussão do tema, ver Hunter, "A 'College' for the Royal Society", 47.



Figura 7 Mapa de 1771, referente a região onde foi construído o Ashmolean Museum, no século XVII. C = Trinity College; D = Balliol College; G = Exeter College; 5 = St Mary Magdalen Church; 42 = Ashmolean Museum; 44 = Clarendon Building

Enquanto o prédio estava em construção, Ashmole esboçou regras para a administração do museu, prevendo ali diretrizes para que o espaço ficasse regularmente aberto ao público e para que o prédio abrigasse todas as raridades em posse da universidade, além das suas próprias. No início de 1683, a coleção de Ashmole foi transportada de Londres e instalada no Museu em Oxford, oficialmente aberto pelos Duque e Duquesa de York, em 21 de maio daquele mesmo ano. Foi inicialmente visitado pelos professores da universidade nos dias posteriores e, no dia 3 de junho, aberto definitivamente ao público⁹⁶.

O primeiro curador foi o secretário da *Royal Society*, Robert Plot (1640 – 1696), bem conhecido da universidade de Oxford por suas obras *Natural History of Oxfordshire* (1677) e *The Natural History of Staffordshire* (1686). Plot, que já em 1663 foi indicado para o posto de palestrante de estudos químicos na universidade, com a inauguração do museu, passou a

⁹⁶ MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 52.

utilizar o laboratório, localizado no porão do prédio, para dar demonstrações públicas⁹⁷. É preciso ressaltar, no entanto, que não havia nenhuma instrução oficial em química na Universidade de Oxford ou em Cambridge até 1680. Antes disso, experimentos de natureza química eram realizados em laboratórios, em cursos especiais de verão. Portanto, nesse contexto, palestrantes como Robert Plot não ocupavam necessariamente as cadeiras tradicionais da universidade até a década de 1680⁹⁸.

O edifício acabado consistia de um bloco principal retangular com a parte da frente virada para a Broad Street. Três grandes salas compunham este bloco principal, que consistia em: um laboratório no porão, uma sala no primeiro piso para conferências e para abrigar grande parte das raridades, e salas de recepção ou vestíbulo em que os visitantes tinham acesso pela porta da frente, após um pequeno lance de escadas. O acesso aos andares superiores e inferiores era feito por escadas de madeira ao sul da frente do edifício⁹⁹.

⁹⁷ Ibid., 49.

⁹⁸ Debus, "Chemistry and the Universities", 179.

⁹⁹ MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 49.



*Figura 7 Frente do edifício original Ashmolean, na Broad Street.
Gravura de Michael Burghers (1685).*



Figura 8 Museum of the History of Science, no Antigo Edifício Ashmolean, na Broad Street. O edifício foi construído em 1683 para o estudo e divulgação da nova filosofia do século XVII.

Desde o princípio, o museu atraiu um grande número de doações de outros estudiosos e colecionadores. O já referido colecionista e estudioso de antiguidades, William Dugdale (1605 – 1686), e o antiquário e membro da *Royal Society*, John Aubrey (1626 – 1697), constaram entre os maiores contribuintes. Dugdale doou diversos manuscritos pouco antes de sua morte,

em 1686. Os manuscritos, livros, e outras raridades de Aubrey chegaram ao museu em 1690. Ainda na década de 1680, Edward Chamberlayne (1616 - 1703) indicava a quantidade massiva de doações que o museu continuou recebendo:

“Adesões são continuamente feitas ao museu por várias pessoas, como o Dr. Robert Huntington, que doou Hieróglifos e outras Antiguidades egípcias. Também Mr. Aaron Goodyear, que generosamente doou uma Múmia. Além de Martin Lister, que apresentou à Universidade um grande gabinete de raridades naturais de sua própria coleção, bem como várias antiguidades romanas, como altares, Medalhas e Lâmpadas encontradas aqui na Inglaterra”¹⁰⁰.

Foi apenas no século XIX que o museu foi transferido para seu prédio atual, na Beaumont Street, em Oxford, e teve parte significativa dos livros e manuscritos transferida para a Bodleian Library. Em 1925, o prédio original foi aberto na forma de um museu de instrumentos científicos, hoje denominado de *Museum of the History of Science*¹⁰¹.

Todavia, conforme indicado acima, é possível oferecer exemplos dos artefatos que constituíram a primeira coleção do Museu Ashmolean, ou seja, daquela formada pelo próprio Ashmole, ao longo da vida. Para tanto, servem de base, tanto o catálogo feito por Ashmole, em 1656, referente à coleção dos Tradescant, quanto o Catálogo de manuscritos de Ashmole (1685). Seguiremos Arthur MacGregor, que realizou, na década de 1980, uma descrição e compilação dos dois documentos citados a partir de seus originais, depositados na *Bodleian Library* e no novo Museu Ashmolean¹⁰².

No que diz respeito aos manuscritos e livros impressos, MacGregor identifica alguns dos materiais da coleção Ashmole, a partir do cruzamento dos catálogos, e sugere que muitos desses materiais pertenciam originalmente aos Tradescant. Algo que corroboraria a hipótese de que a coleção desta família, de fato, foi transferida para o Museu Ashmolean, em Oxford. Entre os referidos materiais é possível identificar obras de raro valor. Tais como o *Ashmole Bestiary*, que foi visto na coleção dos Tradescant, em 1638, pelo já

¹⁰⁰ Chamberlayne, Apud MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 62.

¹⁰¹ Anderson, 476 e Fox, “The History of Science, Medicine and Technology”, 70.

¹⁰² MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 62.

mencionado visitante alemão G.C. Stirn. Mas também, o diário original dos Tradescant de sua viagem à Rússia, em 1618¹⁰³.

O *Ashmole Bestiary* foi produzido provavelmente no início do século XIII. Trata-se de um manuscrito, em latim, que contém cerca de 130 iluminuras com ilustrações de animais. Há seis ilustrações de página inteira. Alguns dos animais representados são considerados nativos da Europa, o restante poderia ser acessado apenas a partir de relatos e ilustrações de viajantes¹⁰⁴.



Figura 9 Fragmento do *Ashmole Bestiary*.

¹⁰³ Ibid., 351.

¹⁰⁴ Ver. *Treasures of the Bodleian*, <http://treasures.bodleian.ox.ac.uk/treasures-home>. (acessado em fevereiro de 2015)



Figura 10 Fragmento do Ashmole Bestiary

Fonte: Catálogo Ashmole (1685)



Figura 11 Almanaque Rúnico

Fonte: Catálogo Ashmole (1685)

As pinturas e gravuras também figuraram como parte considerável do acervo do Museu. As pinturas que vieram para Oxford, em 1678, por doação de Ashmole ou por seu legado, em 1692, incluíam tanto aquelas oriundas da coleção da família Tradescant, que se tornaram propriedade de Ashmole, quanto as que foram recolhidas por ele ao longo de sua vida¹⁰⁵.



*Figura 12 Paisagem*¹⁰⁶

Entre os objetos transferidos para o Museu Ashmolean, estava um determinado número de espécimes zoológicos que tinham origem na coleção dos Tradescant. Entre estes, um dos mais famosos era a cabeça e o pé de um Dodô, *Raphus cucullatus*: uma ave que não voa e que teria habitado a ilha de Maurício. Enfim, uma criatura considerada maravilhosa e exótica, naquela época. Desde a publicação do catálogo original, em 1656, foram feitas algumas tentativas de reunir todo o material zoológico atribuído aos Tradescant. A principal delas deu-se em 1836, por Philip Bury Duncan (1772–1863), que

¹⁰⁵ Piper, *Paintings From the Foundation Collection* In: MacGregor, A. *Tradescant's Rarities*, 293.

¹⁰⁶ Pintado por Nathaniel Bacon (1585 - 1627).

publicou o Catálogo do Museu Ashmolean, onde listava o conteúdo da instituição, incluindo material de natureza zoológica¹⁰⁷.

Objetos etnológicos oriundos das Américas, Ásia e África também constituíam o acervo de Ashmole, dentre eles: Wampuns (colares de conchas dos nativos norte-americanos), canoas, tacos de madeira, macas de corda, bolsas africanas, bolsas de couro, lanças, banco de assento, arco e flechas, sextos, cachimbo e leques. No século XIX, a maioria dos espécimes etnológicos do Museu Ashmolean foram transferidos para o recém-fundado Museu Pitt Rivers. Grande parte do material dos Tradescant, ou as peças identificadas como tal, mantiveram-se com as coleções do Ashmolean¹⁰⁸.

2.6.Considerações Finais

Conforme mencionado anteriormente, a cultura científica do seiscentos teve como espelho as raridades e coleções presentes em espaços como o Museu Ashmolean. E, estes, por sua vez, seguiam planos como os de Lord Bacon, pautados por ideais de alcançar um conhecimento universal. Será ainda neste marco histórico, onde se dá a primeira descrição do Museu Ashmolean, em *Angliae Notitia: Or The Present State Of England*, publicado por Edward Chamberlayne, em 1684¹⁰⁹. Chamberlayne descrevia a estrutura “imponente de rocha quadrada construída a cargo da Universidade” que empregara considerável valor na “promoção das várias partes do aprendizado” das ciências da época.

O referido autor descreveu de maneira extensa as partes e os constituintes do museu, bem como as funções e atribuições de Robert Plot, vejamos:

“Ele [o museu] consiste de dez compartimentos, três dos quais constituem os maiores e os principais e Públicos. (...) O mais

¹⁰⁷ Davies, “Paintings From the Foundation Collection of the Ashmolean Museum” In: MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 346.

¹⁰⁸ Williamson, “*Ethnological Specimens in the Pitt Rivers Museum Attributed to the Tradescant Collection*” In: MacGregor, *Tradescant's Rarities*, 338.

¹⁰⁹ Chamberlayne, *Angliae Notitia: Or The Present State Of England* (London: T. Sawbridge, 1684) Apud MacGregor, *Tradescant's Rarities: Essays on the Foundation of the Ashmolean Museum 1683 with a Catalogue of the Surviving Early Collections*. Oxford: Claredon Press, 1983, 62.

alto é propriamente o Museu Ashmolean, onde um funcionário está sempre presente para mostrar as raridades para os estrangeiros. O compartimento do meio é a Escola de História Natural, onde o professor de química, que é atualmente o Dr. Plott, ensina três vezes por semana, às segundas-feiras, quartas-feiras e sextas, durante o tempo do curso de química, que continua todo mês, relativo a todos os corpos naturais, e faz uso de preparações químicas, particularmente, como para os países e lugares onde eles são produzidos, e encontrados, suas naturezas, suas qualidades e virtudes, os seus efeitos, e por quais marcas e características eles são distinguíveis entre elas, Natural do Artificial, a verdade do sofisticado, com suas várias misturas e preparações em Tentativas e experimentos, com todo o processo daquela Nobre Arte, muito necessário para a cura de doenças, quando cuidadosamente gerida por Aprendizes e Pessoas hábeis”¹¹⁰.

Ainda, segundo esse autor, formavam parte desse espaço dedicado à ciência, além do laboratório, os quartos projetados para uma “Biblioteca de História Natural e Filosofia” e o outro para uma “sala de preparações químicas”, além de um edifício projetado “não apenas para avançar os estudos da real e verdadeira Filosofia como para conduzir os usos da Vida, bem como a melhoria da Medicina (...)”. É possível notar, assim, em toda esta divisão, disposição e conteúdo dos compartimentos do Museu, traços reveladores dos princípios baconianos, tão caros à ciência inglesa do seiscentos, especialmente àqueles relacionados ao seu ambicioso projeto da ‘Casa de Salomão’.

¹¹⁰ Ibid., 63.

Conclusão

Qual o significado do Museu Ashmolean para a ciência do século XVII? Se enfocada desde uma perspectiva historiográfica tradicional, essa pergunta parece não ter sentido ou, até mesmo, ser contraditória. Basta lembrar que Elias Ashmole, cujo nome está indelevelmente ligado às origens dessa instituição, por muito tempo foi considerado um antiquário e ocultista, dos mais tradicionais. Portanto, um representante de tudo aquilo que se pensava como avesso ao nascimento da ciência moderna, durante o seiscentos.

Porém, no rol de nomes daqueles que ajudaram a dar forma a essa ciência, o de Ashmole aparecia com certa frequência, para surpresa de muitos historiadores da ciência. Alguns chegaram a conjecturar que o nome de Ashmole fora incluído em sociedades e grupos dedicados à nova ciência, devido unicamente ao seu prestígio junto às altas esferas do poder. Enquanto outros consideravam que seu nome constava nessa documentação como o de tantos outros figurantes e ‘amadores’ atraídos para a ciência nascente, por simples curiosidade. Há ainda os que acreditavam que, ao contrário, as traquitanas e demais materiais exóticos, das coleções de Ashmole, teriam chamado a atenção e atraído pensadores da nova ciência, em busca do singular e inaudito.

Todavia, entre todos esses estudiosos, permaneceu a estranheza, causada pela presença de um antiquário e tradicionalista, em meio a pensadores do seiscentos que, se creditava, teriam desprezado as velhas estruturas, visando apenas fazer o novo. Essa aparente contradição só começaria a ser solucionada a partir de meados do século XX, quando o nascimento da ciência moderna passou a ser visto desde outras perspectivas.

Desse modo, a pergunta acima passou a fazer sentido, tornando-se assim, o principal ponto de partida da presente dissertação. Conforme foi visto, esboçamos inicialmente, de maneira sucinta, um conjunto de orientações amparadas na historiografia mais recente. Sempre acompanhando essa perspectiva, o museu e a biografia de Ashmole passaram a ser estudados com base em um quadro de análise menos fragmentado em relação ao contexto

histórico. Assim, as tendências intelectuais, os valores, as crenças religiosas e outras instâncias circunscritas à ciência inglesa do seiscentos puderam ser integrados, sem maiores contradições, ao nosso marco de estudos.

Tal abordagem permitiu que nos afastássemos da narrativa tradicional sobre Ashmole, por vezes repleta de críticas improcedentes e, outras tantas, apenas memorialista e indevidamente elogiosa. Com isso, Ashmole e seu museu tomaram roupagens bem diferentes, tornando-se quase um espelho a refletir muitas das aspirações e iniciativas da ciência do século XVII.

Não por acaso, os estudos e coleções (especialmente de manuscritos) feitos por Ashmole, sobre astrologia, alquimia e outros conhecimentos antigos, despertaram tanto interesse na época, inclusive entre pensadores da ciência. Seguindo uma bibliografia especializada no assunto, foi possível sublinhar, uma vez mais, que as motivações de Ashmole na concretização de tais estudos e coleções encontraram amparo na ciência nascente.

Dessa forma, pudemos também sublinhar que essa ciência, repleta de nuances contextuais e complexidades, seria um dos importantes vínculos, senão o principal, entre Elias Ashmole e a criação do Museu Ashmolean. Em tal contexto, e sempre acompanhando de perto a historiografia contemporânea, surgiram como basilares a figura de Francis Bacon e sua ‘Casa de Salomão’, espaço sonhado por ele para o desenvolvimento de uma ciência nova e universal. Como indicado em nosso estudo, essa concepção baconiana – implicada, de muitas maneiras, com o enciclopedismo e as novas formas de organização do conhecimento – seria fundamental para o projeto de museu nutrido por Ashmole.

O museu, por sua vez, – como indicamos com base em catalogações realizadas pelo próprio Ashmole e outros estudiosos – era entendido, naquele contexto, como gabinete de curiosidades e repositório de maravilhas naturais. Mas também como uma estratégia textual ou, mais especificamente, enciclopédica, onde os exemplares da natureza e da arte humana deviam ser organizados para contar, de uma forma nova e alinhada com a ciência nascente, a história do mundo. Algo que, conforme vimos, justificaria a inserção de espaços como o laboratório, a biblioteca e as salas dedicadas ao ensino, em meio às coleções de raridades, no Museu Ashmolean.

Finalmente, a delineação de tais imbricamentos, entre objetos ou artefatos materiais, textos e ideias, vinculada à ciência do seiscentos, constituiu um quadro dinâmico ou, ao menos, uma resposta parcial e primeira para nossa pergunta inicial: qual o significado do museu Ashmolean para a ciência do século XVII?

Bibliografia

- Alfonso-Goldfarb, Ana Maria. "As Derivações Enciclopédicas no Hermetismo Medieval e seus Vestígios na Ciência do Seiscentos: um Estudo Sobre os Trânsitos e Correlações entre Dois Nichos Documentais". *Revista Tecnologia e Sociedade* 2 (2006): 21-39.
- _____. "O Antigo Enciclopedismo e a Ciência Moderna". In: *VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, 1999, São Paulo. Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia. São Paulo: Edusp/SBHC, 1999, 55-60.
- _____. *A Magia das Máquinas: John Wilkins e a Origem da Mecânica Moderna*. São Paulo: Editora Experimento, 1994.
- _____. *Da Alquimia à Química*. São Paulo: Nova Stella / EDUSP, 1987.
- _____, Silvia Waisse & Márcia Ferraz. "From Shelves to Cyberspace: Organization of Knowledge and the Complex Identity of History of Science". *Isis* 104, nº 3 (2013): 551- 560.
- _____, Márcia H. M. Ferraz, Piyo M. Rattansi. "Seventeenth-Century Experimental, Magisterial Formulae and the 'Animal Alkahest': New Documents Found in Royal Society Archives". *Notes and Records of the Royal Society* 69 (2015): 1-24.
- _____, Márcia H. M. Ferraz, Piyo M. Rattansi. "Seventeenth-century 'Treasure' Found in Royal Society Archives: The Ludus Helmontil and the Stone Disease". *Notes and Records of the Royal Society* 68 (2014): 227-243.

_____, Márcia H. M. Ferraz, Piyo M. Rattansi. “Lost Royal Society Documents on ‘Alkahest’ (Universal Solvent) Rediscovered”. *Notes and Records of the Royal Society* 64 (2010): 435-456.

_____, Ana Maria, Márcia H. M. Ferraz & Maria H. R. Beltran. “A Historiografia Contemporânea e as Ciências da Matéria” In: *Escrevendo a História da Ciência: Tendências, Propostas e Discussões*, org. Ana Maria Alfonso-Goldfarb & Maria H. R. Beltran. São Paulo: Educ/Livraria da Física/FAPESP, 2004.

Anderson, Robert. “Science Museums and the Science Museum”. *Notes and Records of the Royal Society* 64 (2010): 471-476.

Ashmole, Elias. *Theatrum Chemicum Britannicum: Containing Severall Poetical Pieces of our Famous English Philosophers, Who Have Written the Hermetique My Steries in Their Owne Ancient Language*. Londres: Grismond for Nath: Brook, 1652.
<https://ia600601.us.archive.org/10/items/theatrumchemicum00ashm/theatrumchemicum00ashm.pdf>

Bacon, Francis. *The New Atlantis*. California: University Press, 11^a Ed, 2000.

_____. *Novum Organum* (London: s.ed., 1620), Apud David Murray – *Their History and Their Use, With a Bibliography and a List of Museums in the United Kingdom*. Glasgow: James MacLehose and Sons Publishers, 1904.

Braddick, M., *God’s Fury, England’s Fire. A New History of the English Civil Wars*. London: Penguin, 2008.

Carlton, C., *Going to the Wars: The Experience of the British Civil Wars, 1638-1651*. London: Routledge, 1992.

Chamberlayne, E. *Angliae Notitia: Or The Present State Of England* (London: T. Sawbridge, 1684) Apud MacGregor, Arthur. *Tradescant's Rarities: Essays on the Foundation of the Ashmoleana Museum 1683 With a Catalogue of the Surviving Early Collections*. Oxford: Claredon Press, 1983.

Chambers, Ephraim, *Cyclopaedia; or An Universal Dictionary of Arts and Sciences*, 1st. ed., 2 vols. Londres: Knapton et al., 1728.

Copper, William. *The Philosophical Epitaph of W.C. Esquire for a Memento Mori on the Philosophers Stone. Pollican in Little Britain*. Londres: T.R. and N.T. for William Cooper. 1673.
<https://archive.org/stream/philosophicalepi00coop#page/n5/mode/2up>.
(Acessado em 13 de maio de 2014).

Cust, Richard & Ann Hughes, eds. *The English Civil War*. London: Arnold, 1997.

Daves, T. “*The Live Eminent Antiquaries Elias Ashmole, Esquire and Mr. William Lily’s history of his life and times*”. Londres, 1774.
https://ia802700.us.archive.org/13/items/bub_gb_DxE2AAAAMAAJ_2/bub_gb_DxE2AAAAMAAJ.pdf. (Acessado em 18 de fevereiro de 2015)

Davies, Keith, *Paintings from the Foundation Collection of the Ashmolean Museum* In: MacGregor, Arthur. *Tradescant's Rarities: Essays on the Foundation of the Ashmolean Museum 1683 With a Catalogue of the Surviving Early Collections*. Oxford: Claredon Press, 1983.

Debus, Allen. Debus, “Chemistry and the Universities”. *Revista de Estudos Avançados* 4, nº 10 (1990): 179.

_____. *Man and Nature in the Renaissance*. Cambridge: Cambridge University, 1978.

_____. "Introduction" In: *Theatrum Chemicum Britannicum, Containing Severall Poeticall Pieces of our Famous English Philosophers, Who Have Written the Hermetique Mysteries in their Owne Ancient Language*. New York and London: Johnson Reprint Corporation, 1967.

Dee, Arthur. *Fasciculus Chemicus: or Chemical Collections. The Ingress, Progress, and Egress, of the Secret Hermetic Science, out of the Collections of the Chorsest and Most Famous Athors..* Londres: Ed. James Hasolle, 1650.
<https://ia700507.us.archive.org/18/items/fasciculuschemic00deea/fasciculuschemic00deea.pdf>. (acessado em 15 de março de 2015).

Defoe, Daniel. *A Tour Thro' The Whole Island of Great Britain*. Londres: Gstrahan, 1753.
<https://books.google.com.br/books?id=Um9bAAAAQAAJ&printsec=frontcover&dq=A+tour+thro%27+the+whole+island+of+Great+Britain++vol+1&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwj68ICNj7nJAhVCnJAKHTLMD1MQ6AEIKjAA#v=onepage&q&f=false> (acessado em 22 de setembro de 2014).

Evelyn, John. *The Diary of John Evelyn*. New York and London: M. Walter Dunne, 1901. Apud. Hunter, *Science and the Shape of Orthodoxy: Intellectual Change in Late Seventeenth-Century Britain*. Woosbridge: Boydell Press, 1995, 36.

Feola, Vittoria. "Elias Ashmole's Collections and Views About John Dee". *Studies in History and Philosophy of Science* 43 (2012): 530-38. (Acessado em 28 de maio de 2014).

Ferguson, John. *Bibliotheca Chemica*. Glasgow: James Maclehouse and Sons Publishers, 1906.
<https://ia902704.us.archive.org/8/items/bibliothecachemi01glasuoft/bibliothecachemi01glasuoft.pdf> (acessado em 02 de dezembro de 2014).

Findlen, Paula. *Possessing Nature: Museums, Collecting, and Scientific Culture in Early Modern Italy*. University of California Press, Berkeley and London: Studies on the History of Society and Culture Series, v. 20, 1994.

_____. "The Museum: its Classical Etymology and Renaissance Genealogy". *The Journal of the History of Collections* 1 (1989): 59-78.

Fox, Robert. *The History of Science, Medicine and Technology at Oxford*. Oxford: University of Oxford, 2008.

Gibson-Wood, Carol. "Classification and Value in a Seventeenth-Century Museum: William Courten's Collection". *Journal of the History of Collection* 9, nº 1. (1997): 61-77.

Hart, Vaughan. *Art and Magic in the Court of the Stuarts*. London: Routledge, 1994.

Hill, Christopher. *The World Turned Upside Down: Radical Ideas During the English Revolution*. London: Penguin Books, 1984

Hunter, Michel. *Science and the Shape of Orthodoxy: Intellectual Change in Late Seventeenth-Century Britain*. Woosbridge: Boydell Press, 1995.

_____. "A 'College' for the Royal Society: The Abortive Plan of 1667-1668". *Notes and Records of the Royal Society of London* 38, nº 2 (1984): 159-186.

Impey, Oliver. *The Origins of Museums: The Cabinet of Curiosities in sixteenth- and Seventeenth-Century Europe*. Oxford: Clarendon Press, 1985.

Janacek, Bruce. "A Virtuoso's History: Antiquarianism and Transmission: of Knowledge in the Alchemical Studies of Elias Ashmole". *Jornal of the History of Ideas* 69, nº 3 (2008): 395-417 (acessado em 28 de maio de 2014).

Jansen, Dirk Jacob. "Antiquarian Drawings and Prints as Collector's Items". *Journal History Collections* 6 (1994): 181-188.

Josten, J. S. *Elias Ashmole, F.R.S (1617-1692). His Autobiographical and Historical Notes, his Correspondence and Other Contemporary Sources Relating to His Life and Work*. Oxford: Claredon: 1966.

MacGregor, A. "Museums in The Quest for 'Salomon's House in Seventeenth-Century England". *Journal of the History of Collections* 1 (1989): 207-212.

_____. *Tradescant's Rarities: Essays on the Foundation of the Ashmolean Museum 1683 With a Catalogue of the Surviving Early Collections*. Oxford: Claredon Press, 1983.

Macray, D., *Annals of the Bodleian Library*. Oxford: 2ªed., 1890.
<https://archive.org/details/annalsofbodleian00macruoft>. (acessado em 18 de fevereiro de 2015).

McGurie, J.E, Ratansi, P.M, "Newton and Pipes of Pan". *Notes and Records of the Royal Society* 27, nº2 (1966): 108-143.

Mears, W. *The Antiquaries of Berkshire by Elias Ashmole Esqus*, 3 vols. Londres, 1723. <https://archive.org/stream/antiquitiesberk02ashmgoog#page/n8/mode/2up>. (Acessado em 27 de fevereiro de 2015).

_____. *The Antiquaries of Berkshire by Elias Ashmole Esqus*. Londres: 1723, 3vols. <https://archive.org/stream/antiquitiesberk03ashmgoog#page/n6/mode/2up>. (Acessado em 27 de fevereiro de 2015).

Murray, David. *Museums Their History and Their Use, With a Bibliography and a List of Museums in the United Kingdom*. Glasgow: James MacLehose and Sons Publishers, 1904.

Pagel, Walter. "The Vindication of Rubbish". *Middlesex Hospital Journal* 45 (1945): 42-51.

Piper, David. *Paintings From the Foundation Collection of the Ashmolean Museum* In: MacGregor, A. *Tradescant's Rarities: Essays on the Foundation of the Ashmolean Museum 1683 With a Catalogue of the Surviving Early Collections*. Oxford: Clarendon Press, 1983.

Robinson. "An Unpublished Letter of Dr Seth Ward Relating to the Early Meetings of the Oxford Philosophical Society". *Notes and Records of the Royal Society of London* 7, n°1 (1949): 68-70.

Ross, Anna. "'Magic Coins' and 'Magic Squares': the Discovery of Astrological Sigils in the Oldenburg Letters". *Notes and Records of the Royal Society* 62 (2008): 271-288.

Rossi, Paolo. *Logic and the Art of Memory: the Quest for a Universal Language*. London: Continuum International Publishing Group, 2006.

Michael T. Ryan, "Assimilating New Worlds in the Sixteenth and Seventeenth Centuries". *Comparative Studies in Society and History* 23, n° 4 (1981): 519-538.

Sawann, Marjorie. *Curiosities and Texts: The Culture of Collecting in Early Modern England*. Philadelphia: Peen-University of Pennsylvania Press, 2001.

Stinr, Georg C. *Travel Diary of Georg Christoph Stirn of Nürnberg* Apud MacGregor, Arthur. *Tradescant's Rarities: Essays on the Foundation of the Ashmolean Museum 1683 with a Catalogue of the Surviving Early Collections*. Oxford: Clarendon Press, 1983.

Trattner, Walter I. "God and Expansion in Elisabethan England: John Dee 1527-1583". *Journal of the History of Ideas* 26, nº 1 (1964) (acessado em 6 de outubro de 2014).

Turner, A.J., *From Mathematical Practice to The History of Science*. Oxford: Oxford University, 1995.

Webster, C. "The College of Physicians: "Solomon's House" in Commonwealth England". *Bulletin of the History of Medicine* 41 (1967): 5.

Williamson, Lynne, "Ethnological Spcimens in the Pitt Rivers Museum Atributed to the Trandescant Collection" In: McGregor, A. *Trandescant Rarities: Essays on the Fondation of the Ashmolean Museum* . Oxford, Claredon Press, 1983, 338-45.